



A UTILIZAÇÃO DOS DITOS POPULARES PARA UM ESTUDO DO DIALETO DO SERTÃO BAIANO NA SALA DE AULA

Elisangela CARDOSO¹

Resumo: O Brasil é considerado um “país-continente”, com uma diversidade enorme de culturas e falares. Contudo, tal diversidade é geralmente ignorada pelas escolas brasileiras, onde grande parte dos professores enfatiza somente o estudo da norma culta através da gramática normativa, desprezando totalmente os demais dialetos da língua, propiciando um ambiente distante da realidade dos alunos. O que se almeja neste artigo é demonstrar que a partir do estudo dos ditos regionais nas aulas de Língua Portuguesa, os alunos podem reconhecer, respeitar e valorizar a cultura e o dialeto regional da população uauaense, bem como combater o preconceito linguístico ainda presente na escola. Sendo assim, este trabalho apresenta um panorama do planejamento e aplicação do projeto “Ditos populares – Língua, história e cultura do povo uauaense”, atividade elaborada por docentes de Língua Portuguesa para alunos do Centro Territorial de Educação Profissional Sertão do São Francisco – CETEP SSF II, município de Uauá – Bahia. Dessa forma, foram analisadas as contribuições da ação do projeto no que se refere ao aprendizado dos alunos, além do impacto dessa atividade na nossa formação docente. Destacamos que as atividades desenvolvidas no presente trabalho representam ganhos tanto para os educandos quanto para os educadores envolvidos no processo. Dessa forma, a discussão se ampara no âmbito do aprofundamento do conhecimento linguístico, sempre enfatizando a concepção do aluno como protagonista. Por fim, expõe-se e discute-se as habilidades desenvolvidas através da pesquisa e do estudo dos ditos populares durante a execução do projeto.

Palavras-chave: Diversidade linguística; Ditos populares; Dialeto regional.

Abstract: Brazil is considered a "continent-country", with a huge diversity of cultures and phrases. However, such diversity is generally ignored by Brazilian schools, where most teachers emphasize only the study of the cultured norm through normative grammar, totally disregarding the other dialects of the language, providing an environment far from the reality of the students. The aim of this article is to demonstrate that from the study of regional sayings in Portuguese language classes, students can recognize, respect and value the culture and the regional dialect of the Uuaaan population, as well as to combat the linguistic prejudice still present in the school. Thus, this work presents an overview of the planning and application of the project "Popular Sayings - Language, history and culture of the Uaua people", an activity developed by Portuguese Language Teachers for students of the Centro Territorial de Educação Profissional - Sertão do São Francisco - CETEP SSF II, municipality of Uauá - Bahia. In this way, we analyzed the contributions of the project action regarding student learning, as well as the impact of this activity on our teacher training. We emphasize that the activities developed in the present work represent gains both for the learners and for the educators involved in the process. In this way, the discussion is based on the deepening of linguistic knowledge, always emphasizing the student's conception as protagonist. Finally, the skills developed through the research and study of popular sayings during project execution are discussed and discussed.

Key words: Linguistic diversity; Popular sayings; Regional dialect.

¹ Mestranda em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal da Bahia – IFBA. Possui graduação em Pedagogia e em Letras pela Universidade do Estado da Bahia - Campus III. Especialização em Língua Portuguesa pelo Faculdade de Artes do Paraná. Professora de Estágio e de Língua Portuguesa no Centro Territorial de Educação Profissional (CETEP) – Sertão do São Francisco II. E-mail: elisabel@hotmail.com

Introdução:

A língua é um instrumento valioso para a interação, pois amplia e aprimora a relação humana. Ela contribui para o desenvolvimento da comunicação, possibilitando o pensamento crítico e reflexivo, visto que propicia o contato entre indivíduos com diferentes ideias e experiências. Dessa forma, é dever da escola desenvolver situações de interações comunicativas, que proporcionem aos alunos a oportunidade de compreender as diferentes variedades da língua que circulam na sociedade brasileira, de modo a valorizar a riqueza cultural de cada região.

Diante de tal contexto, neste trabalho enfatizamos uma reflexão acerca do ensino da Língua Portuguesa centrado na valorização da cultura e o dialeto regional. O público participante é composto por estudantes do 1º ano do Ensino Médio do Centro Territorial de Educação Profissional Sertão do São Francisco – CETEP SSF II, município de Uauá – Bahia. As aulas são ministradas por professores de Língua Portuguesa do centro de ensino supra-citado.

Considerando que este estudo está pautado no reconhecimento dos diversos falares que compõem a Língua Portuguesa, nossas atividades foram desenvolvidas pautadas em Bagno (2015), Possenti (2016), Soares (2016), dentro outros estudiosos da temática.

Iniciamos o estudo a partir da contextualização e da criação do projeto “Ditos populares – Língua, história e cultura do povo uauaense”. Em seguida, apresentamos uma sucinta fundamentação teórica traçando as principais orientações que conduziram as atividades do projeto. Posteriormente, relatamos o processo de planejamento e de confecção do material didático. Na sequência, evidenciamos o percurso do projeto e a contribuição dos participantes no decorrer da pesquisa.

E por fim, apresentamos depoimentos dos alunos participantes com o objetivo de registrar as impressões dos estudantes que vivenciaram as atividades propostas durante a execução do projeto.

Ditos populares – Língua, história e cultura do povo uauaense – Primeiros passos

O Brasil é um país com dimensões continentais e por essa razão possui enorme diversidade de culturas e falares. Contudo, tal diversidade é geralmente ignorada pelas escolas brasileiras, onde se enfatiza somente o estudo da norma culta através da gramática normativa, desprezando os demais dialetos da língua, propiciando um ambiente distante da realidade dos alunos. Com essa prática, a escola acaba reforçando, a prática do preconceito cultural e conseqüentemente linguístico, que não leva em conta as diversas variações e dialetos que fazem parte do nosso povo.

No entanto, durante nossa prática pedagógica sempre acreditamos na importância de trabalhar com a realidade cultural dos alunos, de valorizar o trabalho dos artistas da terra, porém até então, nos planejamentos coletivos, apenas eram mencionados assuntos gramaticais, textos e produções tirados de livros didáticos.

Diante dessa visão é imprescindível destacar a importância do estudo da sociolinguística variacionista para aqueles que trabalham com a disciplina Língua Portuguesa, pois, como afirma Calvet (2014), ela consiste precisamente em pesquisar e explicar as correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais, efetuando sistematicamente estes paralelos entre língua e sociedade e interpretando tais cruzamentos significativos entre cultura, sociedade e língua.

Assim sendo, compreendemos que a língua deve ser vista como um instrumento valioso para a interação, pois amplia e aprimora a relação humana. Ela contribui para o

desenvolvimento da comunicação, possibilitando o pensamento crítico e reflexivo, visto que ela propicia o contato entre indivíduos com diferentes ideias e experiências.

Conforme afirma Preti (2013) a língua é um suporte da dinâmica social que envolve além da atividade intelectual, a vida cultural, científica e literária, funcionando como um elemento de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua.

Portanto, a compreensão da língua, exige um alto nível de reflexão sobre a cultura da qual o sujeito faz parte, pois ela está inserida num contexto amplo que envolve não só a comunicação, mas a cultura, o nível de escolaridade, a classe social, a região de cada um, dentre outros fatores.

Por isso, é essencial que professores, de modo particular os de Língua Portuguesa, reconheçam que existe uma grande variedade linguística em nosso país, tanto por fatores de escolaridade, como geográficos e socioeconômicos. Já que todas as línguas sofrem inúmeras e constantes variações ao longo do tempo, ou seja, em nenhum país ou comunidade toda população fala da mesma maneira, é crucial saber lidar com tais diferenças.

Dessa forma, é dever da escola desenvolver situações de interações comunicativas, que proporcionem aos alunos a oportunidade de compreender as diferentes variedades da língua que circulam na sociedade brasileira, de modo a valorizar a riqueza cultural da região.

A partir desse contexto, antes do surgimento do projeto, desenvolvemos momentos de estudos sociolinguísticos, a fim de termos embasamento para futuros trabalhos que pretendíamos desenvolver. Esse era apenas o princípio de uma caminhada desafiadora e fascinante para a transformação das aulas de língua portuguesa aos estudantes do município de Uauá - Bahia.

Destacamos a condição específica destes estudantes: são estudantes do sertão baiano, em sua maioria trabalhadores rurais, muitos com defasagem idade-série. São moradores de diversas regiões do município de Uauá – Bahia e dependem de transporte para se deslocarem até à escola. Diante de tais especificidades do participantes do projeto, buscamos a abordagem e metodologia de ensino mais adequadas, como propomos no decorrer deste estudo.

O Percurso do projeto: Aporte teórico

Bagno (2015) define a língua como atividade social e isso faz com que o respeito às variações linguísticas seja fundamental na interação humana. Para ele, portanto, esse respeito deve ser exercitado em sala de aula, e não ficar somente na teoria. Uma vez que a diferença de valorização e reconhecimento que ocorre entre a norma padrão e a não-padrão, é, principalmente, por questões sociopolíticas, tendo em vista que para a linguística não existe uma língua melhor ou pior que a outra.

Compreendemos que para alcançar as expectativas dos alunos uauaenses é necessário utilizar uma abordagem capaz de ir ao encontro de suas necessidades, as quais são distintas de estudantes de outras localidades, haja vista que cada região possui suas especificidades linguísticas e culturais.

O que acontece é que as variedades não-padrão são faladas pelos membros das classes mais baixas, das classes dominadas, sendo assim, acabam sem prestígio e até estigmatizadas, enquanto que a variedade considerada padrão é aquela utilizada pela classe dominante e, por isso, passa a ser considerada como “certa” e que deve ser ensinada e “cobrada” pelo mercado de trabalho e pela sociedade.

Dessa forma, a escola assume e valoriza a cultura das classes dominantes, negando e excluindo as demais culturas e conseqüentemente as variantes linguísticas das classes dominadas. Como expõe Soares:

[...] o aluno proveniente das classes dominadas encontra padrões culturais que não são seus e que são apresentados como “certos”, enquanto os seus são ou ignorados como inexistentes, ou desprezados como “errados”. [...] Esse aluno sofre, dessa forma, um processo de *marginalização cultural* e fracassa, não por deficiências intelectuais ou culturais, mas porque é diferente, como afirma a *ideologia das diferenças culturais*. (SOARES, 2016, p. 15)

Sem dúvida, a escola tem como prioridade trabalhar a norma culta, pois esta é exigida pelo mercado de trabalho e pela sociedade. Porém, o papel da escola não é somente ensinar a norma padrão. O ideal seria que o aluno aprendesse a empregar a língua para interagir com os diversos interlocutores e nas várias situações comunicativas, que podem ser apresentadas em inúmeros formatos e em diversificados gêneros contidos em variedades linguísticas determinadas.

Sendo assim, as variedades classificadas como não-padrão não devem ser esquecidas e/ou menosprezadas, pelo contrário, devem ser valorizadas para reforçar a consciência de que não há variação certa ou errada, mas sim situações comunicativas em que cada uma deve ser utilizada adequadamente, como afirma Geraldi (2014) quando diz que a língua deve ser empregada como uma roupa, ou seja, deve-se usar em diferentes situações a roupa/língua adequada.

A escola deve ter como objetivo formar cidadãos críticos e respeitadores da diversidade cultural e linguística em que está inserida. Para isso, se faz necessário conhecer a variedade da língua e da cultura do povo brasileiro. Assim sendo, essa prática poderá trazer conseqüências positivas, pois o conhecimento de mundo se ampliará, minimizando a prática do preconceito. Através do estudo da variedade linguística, o aluno poderá desvendar a existência do outro ao seu redor, e ao romper uma visão limitada sobre a língua, os educandos desenvolverão seu universo de entendimento, seu horizonte de expectativas. Travaglia posiciona-se a respeito quando enfatiza que:

[...] dentre os objetivos de se ensinar um língua a seus falantes, está o desenvolvimento da competência comunicativa, ou seja, a capacidade do usuário de empregar adequadamente a língua nas diversas situações comunicativas. (TRAVAGLIA 2012, p.17)

Assim sendo, ao iniciar o estudo sobre variedade linguística é preciso quebrar algumas concepções equivocadas sobre língua. Uma delas é a de que a norma culta é a única correta. Por conta dessa concepção equivocada a escola incentiva a disseminação do preconceito linguístico já tão presente na sociedade brasileira. Acerca disso Possenti afirma:

Diferenças linguísticas não são erros, são apenas construções ou formas que divergem de um certo padrão. São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua [...] Nem o professor nem o aluno se perguntam o que é mais ou menos conveniente no uso da língua, mas o que é “certo” ou “errado”. Isso ocorre porque o ensino não se atenta para as formas em uso corrente da língua, quer na modalidade falada, quer na escrita. (POSSENTI, 2016, p.56)

Diante dessa realidade, se faz necessário reforçar atividades escolares que envolvam as diversas variedades da língua e que apresentem o conhecimento cultural

brasileiro como algo precioso e merecedor de estudo e respeito. Portanto, é função primordial da escola sugerir atividades de valorização das diversas formas em que se apresentam a língua portuguesa no Brasil, utilizando recursos que favoreçam a aprendizagem significativa dos educandos.

A partir desse quadro de referências, tivemos a iniciativa de começar uma pesquisa sociolinguística sobre as variedades linguísticas, enfatizando os ditos populares do nosso município. Assim, surgiu o projeto “Ditos populares – Língua, história e cultura do povo uauaense” com a finalidade de incentivar o respeito às variedades da nossa língua, utilizando como instrumento de motivação a pesquisa de verbetes, expressões, causos e ditados específicos da nossa região. O envolvimento dos alunos representou um dos pontos principais do projeto, pois eles tiveram papel essencial no desenvolvimento dos trabalhos.

Iniciando os trabalhos – O projeto ganha vida

A construção do projeto começou a tomar corpo em março de 2017, uma vez que nós, docentes de Língua Portuguesa do CETEP - SSF II, começamos estudos de teóricos que embasariam nossa prática pedagógica e o planejamento das atividades que seriam desenvolvidas no decorrer do projeto.

No que se refere ao planejamento das aulas, os percalços iniciais foram relacionados ao horário de encontro dos docentes, pois dispúnhamos de pouco tempo para nos dedicarmos a outras atividades além daquelas já exigidas pela escola. Além disso, acabamos por nos afastar ainda mais de nossas famílias, fato este que, por vezes, nos desanimava, contudo não desistimos, já que sabíamos que era um grande desafio, mas por uma causa nobre.

Em seguida, iniciamos as discussões para identificar quais turmas fariam parte do projeto, uma vez que não seria possível iniciar os trabalhos com todas as turmas. Optamos por trabalhar com três turmas de 1º anos do curso de Agropecuária.

Os sessenta e seis alunos participantes da oficina (quarenta do sexo feminino e vinte e seis do sexo masculino) residem, em sua maioria, na zona rural do município, nas seguintes localidades: Santana, Barriguda, Volta, Ouricuri, Queimadas, Caratacá e Caldeirão do Almeida. Somente seis alunos moram na sede.

O percurso entre a residência deles e o colégio é feito por ônibus escolar e motocicleta. Devido a problemas que ocorrem com o transporte escolar (problemas mecânicos, falta de pagamento aos motoristas, estradas intransitáveis, dentre outros obstáculos). Tais percalços torna ainda mais desafiador a permanência destes estudantes na sala de aula.

A faixa etária é bem diversificada, vai dos dezesseis aos quarenta e dois anos de idade, sendo que parte da turma já é pai/mãe de família, havendo uma aluna que já é avó. Apesar das diferentes gerações presentes na sala a turma apresenta um convívio tranquilo, sem conflitos.

Pelo fato dos alunos virem de diferentes regiões do município, eles trazem para o nosso dia a dia uma rica carga cultural e variados dialetos específicos de cada localidade. Tal realidade despertou-nos o desejo de conhecer melhor o dialeto regional da turma, assim como adaptar as aulas de língua portuguesa, a fim de contemplar a realidade destes educandos. Foi assim que surgiu a ideia de realizarmos um estudo sobre os ditos regionais através da oficina “Ditos populares – Língua, história e cultura do povo uauaense”. Sua realização teve início em maio de 2017.

Na trilha do projeto: Reconhecendo nossa cultura

Durante o primeiro semestre, os trabalhos foram voltados para a valorização da cultura e dos artistas locais, como também para uma breve introdução sobre o cordel e os ditos populares.

A apostila para o desenvolvimento do projeto foi uma espécie de compilação de materiais autênticos elaborados por todos os docentes participantes do projeto, com o apoio dos artistas da terra, os quais nos cederam inúmeros materiais artísticos que enriqueceram o trabalho. Acerca deste primeiro material, vale destacar que o elaboramos com especial cuidado no que se refere ao nível de conhecimento e as necessidades mais específicas de nossos estudantes, por isso, optamos por elencar um material abrangente, para pesquisa. Apesar da abordagem comunicativa-cultural-regional ter sido adotada, não a atendemos de forma satisfatória na elaboração do material inicial, principalmente devido ao pouco tempo disponível para sua confecção.

Então, na primeira semana apresentamos o objetivo da oficina, que foi conhecer mais profundamente os dialetos através dos ditos populares presentes no nosso convívio, compartilhando esse conhecimento entre todos nós.

Nas primeiras semanas de aula, realizamos momentos de motivação, através de apresentação do histórico do cordel, leitura de obras e exibição de vídeos de cordelistas da região, a fim de que nos sentíssemos mais confiantes e pudéssemos desenvolver as futuras atividades. Posteriormente, realizaram-se apresentações e trabalhos com cordelistas locais, a fim de se reconhecer dialetos específicos da nossa região. A nossa proposta de aula se pautou em levar para os alunos gravações musicais e vídeos de artistas falantes do dialeto da nossa região e explorá-las, em vez de somente dispor de textos ou livros que apresentam simplesmente listas de palavras que variam de um lugar para outro.

Dessa forma, os educandos puderam estar mais próximos do tema trabalhado, já que os materiais dos artistas que foram estudados fazem parte da vida da turma. Assim, os alunos tiveram a oportunidade de estar diretamente inseridos, fazendo parte e interagindo com tudo o que foi desenvolvido durante o projeto.

Em relação ao material utilizado, observamos que, nas três turmas contempladas, este serviu como fonte incentivadora para a compreensão da diversidade linguística, contudo, planejamos semanalmente atividades para as aulas, momentos em que a abordagem comunicativa-cultural-regional foi contemplada. Sendo assim, as atividades seguiram a estruturação da apostila, com pouco acréscimo de exercícios.

Procuramos valorizar a cultura da região através do trabalho sobre o cordel. Assim sendo, trabalhamos o cordel, por meio de um texto impresso retirado da apostila “Alfabetização e Letramento” de Mavíael Melo². Cada aluno leu um trecho da apostila e quando necessário fazíamos alguns comentários. O texto foi de muito fácil compreensão, pois o seu formato de entrevista, com perguntas e respostas, deixou o assunto bem claro e objetivo.

Antes de estudarmos a apostila sobre cordel, exibimos um vídeo de Mavíael Melo interpretando o cordel “Campanha Eleitoral” e lemos sua biografia. A turma não conhecia o cordelista, mas alguns já haviam escutado o cordel exibido. Após o estudo, assistimos alguns vídeos de artistas do município.

² Mavíael Melo é músico, poeta e cordelista, voltado à vida cultural de Pernambuco através da internet e da participação em eventos de cantoria e recitação. Atualmente, vem trabalhando como arte-educador ambiental na Bahia e em Pernambuco.

Nas semanas que se sucederam, realizamos um estudo aprofundado sobre a história e a cultura de Uauá. O município de Uauá está situado no nordeste baiano, distante da capital 443 quilômetros, localizado na região conhecida como Sertão de Canudos, sendo que o seu território está totalmente incluído no polígono das secas. É uma região com grande riqueza histórico-cultural.

Esse estudo sobre o município propiciou maior participação dos educandos. A maioria dos alunos afirmou ter achado interessante a aula e mostraram-se satisfeitos com o assunto abordado. Ficamos entusiasmados com a recepção da turma, que foi além da nossa expectativa, devido o tema ser próximo da realidade dos participantes e ter sido trabalhado de forma leve e descontraída despertou o interesse deles.

Em suma, a primeira etapa do projeto foi concluída com o fim do primeiro semestre e apresentou alto índice de satisfação tanto por parte dos alunos como dos professores. Tal resultado nos deu novo ânimo para continuarmos com o projeto durante o segundo semestre.

No semestre seguinte, realizamos um novo planejamento do projeto e organização de novas dinâmicas de ensino. Dessa forma, iniciamos as atividades de pesquisa e as discussões para construir o material didático que seria trabalhado nas aulas. Para isso, foram organizados encontros quinzenais com todos os docentes engajados no projeto, a fim de possibilitar momentos de estudos, pesquisas que auxiliaram a nossa formação docente, assim como a elaboração do material didático que serviria de suporte para a segunda etapa do projeto.

Esta breve narrativa serve para compreender de que forma o projeto foi estruturado e para ressaltar sua colaboração na nossa formação. Daremos continuidade, detalhando as etapas seguintes do projeto que passará a ter maior participação dos alunos, os quais terão um papel de protagonismo na execução das atividades propostas.

Uma atividade coletiva através dos ditos populares

No intuito de registrar o trabalho do dialeto do sertão baiano por meio dos ditos populares como um todo, descrevemos, neste tópico, o passo a passo de como foram desenvolvidas as atividades durante o segundo semestre de 2017.

Para que os alunos compreendessem a ideia principal do projeto, foi necessário apresentar um resgate histórico da sabedoria popular do sertão e, principalmente, qual a representação dos ditos populares nessa perspectiva. No entanto, se faz necessário esclarecer que neste estudo utilizamos a expressão “sabedoria popular” como sinônimo do saber e da tradição do povo sertanejo.

Esclarecemos que uma das maneiras de se expressar determinados conhecimentos é através da sabedoria popular como afirma Guimarães (2012, p.98) “a linguagem popular é aquela em que prevalece a função de comunicar. Manifesta-se de modo oral, escrito ou ainda por meio de gestos, com certo predomínio da primeira forma”.

Em seguida, conceituamos, para as turmas, o dito popular ou ditado popular, como representação da sabedoria popular e exposição de identidade, história e cultura. Explicamos que o dito popular é uma frase composta por um pequeno texto, tendo como característica fundamental transmitir conhecimentos do dia a dia de uma forma simples. Cada região possui seus ditos populares conforme suas especificidades. Isto significa que os ditos populares adquirem formas e conteúdos diferenciados a partir de cada situação de aprendizado e localidade em que é originado e reproduzido.

Posteriormente, resgatamos os ditos populares como instrumento incentivador do processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa na sala de aula, tendo como elemento norteador os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Sendo assim, cabe ao

professor selecionar e abordar os ditos populares a partir dos conteúdos que serão trabalhados em sala de aula e de acordo com o que está previsto nas habilidades propostas pelos PCNs . Portanto, de acordo com os objetivos é necessário:

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais. (BRASIL,2001, p.5)

Diante desse contexto, realizamos esse resgate por meio de algumas atividades as quais seguiram um cronograma pré-determinado. Buscamos nos artistas locais o apoio necessário para o trabalho de valorização da cultura regional e a identificação de ditados específicos do dialeto da nossa localidade. Foram momentos de enriquecimento cultural, já que esta atividade com os artistas da terra foi realizada de forma lúdica e em conjunto, no mesmo espaço, com as três turmas participantes do projeto.

Iniciamos, então, os trabalhos de pesquisa de campo, momento em que os educandos passaram a ter uma postura ainda mais ativa no desenvolvimento do projeto.

Pesquisa dos ditos populares - A valorização dos nossos falares

Ainda durante o segundo semestre, buscamos conhecer os ditados e expressões empregados pela turma através da pesquisa de campo realizada pelos próprios alunos, mostrando assim, a identidade regional de cada um.

Durante todo esse processo, tivemos que trabalhar com muito cuidado e sensibilidade para lidar com a diversidade linguística, pois os nossos estudos ainda eram incipientes, especialmente sobre a sociolinguística, que nos auxiliou na desmistificação de “certas verdades” que já estavam arraigadas em nossa prática docente.

Dessa forma, continuamos as atividades através da explicação sobre a pesquisa extraclasse. A turma foi organizada em grupos de acordo com a localidade em que residia. Devido a esta formatação, as equipes apresentaram números variados de componentes.

As turmas receberam as instruções necessárias para a realização pesquisa em campo. Por fim, os alunos trouxeram todo material anotado para a socialização em sala de aula. Foram apresentados os termos, verbetes, ditados e causos pesquisados pela turma, bem como a organização dos verbetes pesquisados.

Durante a formação dos grupos, os alunos mostraram-se interessados na pesquisa e alguns afirmaram que nunca tinham feito trabalhos sobre suas localidades. Os estudos e pesquisas que eles realizavam eram sempre através de livros ou de pesquisa na internet na sala de informática da escola.

Diante dessa experiência, pudemos refletir que, o processo educativo ocorre, em geral, alicerçado apenas por um único conhecimento – o conhecimento científico – e, se despreza a sabedoria popular que o estudante traz na sua identidade e na sua história. Assim sendo, se faz necessário ressaltar que a partir do momento que se marginaliza a sabedoria popular, exclui-se conhecimentos essenciais, já que é a partir dessa originalidade não-domesticada, que o sujeito apoiado na sabedoria popular tem superado obstáculos do dia a dia.

Deste modo, como adverte Almeida (2015, p. 63) o não reconhecimento da importância desses saberes ou tomá-los – através de um sentido depreciativo – como um saber primitivo e inferior é ignorar a própria história da civilização. Afinal, é imprescindível ressaltar que boa parte das grandes descobertas da ciência moderna teve

como suporte a experiência cotidiana de pessoas comuns (não cientistas), portadoras da sabedoria popular.

Nesse contexto, é imprescindível ressaltar que neste trabalho não se defende a predominância da sabedoria popular e a exclusão do saber científico. Longe disso, acreditamos em um diálogo entre ambos, haja vista que devido estes saberes possuírem diferentes características, eles se complementam.

Ao final dos trabalhos, as turmas apresentaram o resultado da pesquisa realizada. Os grupos iniciaram as apresentações com a leitura dos causos que eles conseguiram registrar com os moradores mais antigos de sua região. Os causos tiveram como foco principal três temas: o sobrenatural, Lampião e lembranças dos moradores.

Em seguida apresentaram uma diversidade de ditados populares, com a respectiva explicação sobre a situação em que eles são empregados:

Quadro 1 – Amostragem de ditos populares pesquisados

NÃO TIREI PAPAGAIO DO ALFOJE NEM GALINHA DO ESPETO. Quando uma pessoa que é acostumada a falar com alguém e de repente fica de mal.
QUEM INCHA SEM DOENÇA DESINCHA SEM REMÉDIO. Quando uma pessoa que é acostumada a falar com alguém e de repente fica de mal e depois de algum tempo volta a falar sem explicação.
SÓ SE CONHECE ALGUÉM QUANDO SE COME SAL JUNTO. Só se conhece realmente uma pessoa quando passa a conviver com ela.
ALÉM DE PORCA, MAL PELADA. Uma pessoa que já tem algum defeito e com o tempo adquire mais.
TÁ MAIS POR DENTRO DO QUE CEBOLA E COENTRO. Quando é bem informado, sabe mais que os outros.
MORRE O CAVALO PARA O BEM DO URURBU. Quando uma pessoa morre e algum parente usufrui as coisas do falecido.
PANELA E VELHO SÓ SE ACABA PELO FUNDO. Quando um idoso está com disenteria.

Fonte: Elaboração própria dos participantes do projeto

E finalmente, apresentaram algumas expressões coletadas pelos estudantes:

Quadro 2 – Amostragem de ditos populares pesquisados

MATAR RAPOSA – Fazer necessidade fisiológica.
CASAR FILHA DE MIGUÉ – cochilar.
BOCA BREFA – Pessoa que ficou banguela.
LOJA DE XÍCARA – Pessoa dentuça.
PAI DE LAGARTA – Risada alta, escandalosa.
AGOSTINHO DA TABA – Quando alguém anda só de meia, sem calçado.
FIGURA DA LATA – alguém correndo.
CAVALO DO FINADO LÚCIO GOMES – Pessoa muito apressada.
HOTEL DA XATINHA – casa cheia de gente.
MANÉ GOSTOSO – Pessoa que ri muito.
JUMENTO SEM PAI – Quando alguém está perdido, sem rumo.
LETRA DE FREI INÁCIO – Letra grande.
ESPIRRO DE GATO – Alguém muito pequeno e magro.
RAPA DO TACHO – Filho caçula.

Fonte: Elaboração própria dos participantes do projeto

Os participantes do projeto superaram as expectativas para a realização desta atividade, pois conseguiram descobrir a origem de algumas expressões pesquisadas. A exemplo de “figura da lata” que representava uma figura de latas de querosene usadas para candeeiro, em que havia um menino correndo. Outra expressão cuja origem foi identificada foi “a letra de frei Inácio” - era um frei que viveu nas décadas de 1930 e 1940 e que ao escrever cartas usava letras muito grandes porque não enxergava bem. Explicaram ainda que a expressão “hotel da Xatinha” empregada pelo fato de que antigamente quando alguém precisava ir ao médico em Juazeiro (cidade vizinha) hospedava-se nesse hotel, o qual estava sempre lotado por pessoas de várias regiões aos arredores.

Enfim, as equipes adoraram a pesquisa e descobriram que determinadas expressões e palavras tão comuns a eles eram totalmente desconhecidas para os colegas de outras localidades.

Dentro desse contexto, é interessante descobrir através das pesquisas, as origens de algumas expressões e notar que todos eles têm forte ligação com a história de cada comunidade, com a cultura de seus moradores, pois como afirma Aragão (2010) o estudo do léxico da língua de uma determinada região, reflete a descrição da cultura dessa comunidade, a ideologia, as lutas e a história desse povo. Sendo assim, não é possível estudar a língua sem relacioná-la com a sociedade e a cultura nas quais o falante está inserido.

Análise dos depoimentos dos alunos – Contribuições do projeto

A contribuição das atividades desenvolvidas foi além do esperado, chegando aos alunos, professores envolvidos como também para toda a comunidade externa. O projeto “Ditos populares – Língua, história e cultura do povo uauaense” possibilitou o estudo do dialeto da nossa região de maneira prazerosa e dinâmica, tendo em vista que esta atividade aguçou a nossa curiosidade sobre a dimensão lexical que os ditos populares e seus significados proporcionaram.

Tal fato é mencionado por Pereira (2008) quando afirma que a escola deve contribuir para que o estudante adquira a competência para entender e utilizar a própria língua. Contudo, é necessário que este estudo esteja pautado em conhecimentos significativos para o aluno. Só assim, o estudo da língua portuguesa será produtiva e significativa para o estudante.

Em relação às contribuições para os educandos participantes do projeto, percebemos uma melhora na autoestima, o que refletiu na superação da barreira do preconceito linguístico e conseqüente interação social. Neste caso, acreditamos que o melhor é “dar voz” para que os próprios educandos expressem, através de pequenos relatos escritos por eles (sem correções):

Essa é a primeira vez que a gente faz pesquisa no lugar que a gente mora. Os outros trabalhos eram tudo na biblioteca ou na sala de informática e era muito chato, a gente quase não entendia nada. Está sendo muito legal esse trabalho. Descobrimos que não falávamos tão errado como a gente pensava.
(Aluna do 1º ano C do curso de Agropecuária, relato redigido em código escrito)

O relato da aluna demonstra o reconhecimento no uso da língua portuguesa por meio da diversidade linguística e a relevância que o projeto teve para ela, principalmente,

em se reconhecer como falante inserida na sociedade. A seguir, apresentamos o depoimento de outro aluno:

Ao iniciar as aulas do projeto eu duvidei se ia conseguir encontrar alguma coisa que servisse para estudar na disciplina de Língua Portuguesa. Me surpreendeu descobrir que a maneira que a gente fala faz parte da matéria. Graças ao projeto, entendemos que a gente tem muito o que ensinar e descobrir dentro da nossa língua.

(Aluno do 1º ano A do curso de Agropecuária, relato redigido em código escrito)

Para o aluno, o projeto contribuiu para um novo entendimento sobre a língua. Seu depoimento mostra como o preconceito linguístico é capaz de “podar” a aprendizagem e a interação comunicativa de muitos estudantes.

Temos consciência de que o nosso projeto não será a solução para todos os problemas linguísticos vivenciamos, contudo ele representa um primeiro passo para incentivar a valorização e o respeito do dialeto, da história e da cultura de cada localidade do nosso município, pois como ressalta Aragão (2010), no estudo da língua de uma região os contextos socioculturais em que ela está inserida são elementos básicos e determinantes para explicar e justificar fatos que apenas linguisticamente seriam difíceis ou até mesmo impossíveis de serem compreendidos, tendo em vista que toda a visão de mundo, a ideologia, os valores e as práticas socioculturais das comunidades são refletidos no seu léxico.

Considerações Finais

Ser professor é estar sempre diante de desafios constantes e para isso se faz necessário estar em uma busca incessante por novos conhecimentos a fim de aperfeiçoar a prática docente. Diante dessa realidade, a realização do projeto, trouxe como contribuição o enriquecimento de informações e a descoberta de teóricos que auxiliarão na inovação da nossa prática pedagógica, tornando-a mais dinâmica, possibilitando que o ensino da Língua Portuguesa passe a ser compreendida de maneira bem mais moderna, deixando para traz visões equivocadas e distorcidas sobre o que é a língua materna.

Cada atividade possibilitou o envolvimento do educando, tornando as atividades propostas a representação de momentos de aprendizagem significativa, possibilitando períodos prazerosos de troca de experiências. Durante o percurso do projeto, os educandos foram instigados a pesquisar e estudar textos ligados à sua história de vida e a conhecer melhor sua língua e sua cultura através da pesquisa que culminou na superação da visão do “falar errado” pela maioria da turma, no reconhecimento da riqueza da nossa cultura e do nosso dialeto regional.

Por isso, fica evidente que a avaliação do projeto foi positiva. Apesar de algumas dificuldades que exigiram a mudança de planos e algumas frustrações. O resultado final superou nossas expectativas, mesmo porque o envolvimento dos alunos foi surpreendente. Foram momentos exaustivos, com altos e baixos, mas que valeram muito à pena.

Sendo assim, esse trabalho é apenas um primeiro passo de um longo percurso que é o de começar a trabalhar o dialeto regional como algo que faz parte da vida dos estudantes da nossa região. Dessa forma, nossa principal tarefa, enquanto professores da Língua Portuguesa, além de trabalhar a norma culta, é reconhecer e trabalhar os dialetos regionais como parte imprescindível da história e da cultura brasileira.

Dessa forma, é papel da escola reconhecer os dialetos de seu alunado, analisando os traços marcantes da variedade linguística da comunidade na qual está inserida, visto que, segundo Possenti (2016), é imprescindível que os educadores distingam bem as peculiaridades da língua, das regras e exceções da gramática para que se conheça a língua na qual o alunado está inserido, a fim de que saibam usá-la e valorizá-la frente às inúmeras situações concretas de interação.

Tal estudo, permitirá uma abordagem específica do falar do aluno e consequentemente facilitará no desenvolvimento de projetos didáticos que sejam significativos para o educando, proporcionando-lhe uma melhor compreensão da língua padrão, dos dialetos regionais e do preconceito linguístico ainda tão presente no cotidiano da escola e da sociedade.

Referências

- ALMEIDA, Maria da Conceição. **Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição**. São Paulo: Editora Livraria Física, 2015.
- ARAGÃO, M. S. S. . A Linguagem Regional-Popular no Nordeste do Brasil: Aspectos Léxicos. In: **IX Simpósio Internacional de Comunicación Social**, 2010, Santiago de Cuba. IX Simpósio Internacional de Comunicación Social - Actas I. Santiago de Cuba - Cuba : Centro de Lingüística Aplicada - Santiago de Cuba, 2010. v. I. p. 457-459. Disponível em: <http://www.profala.ufc.br/Trabalho2.pdf>. Acesso em 01.04.2018
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro?** Um convite à pesquisa. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Ensino Superior. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: introdução**. Brasília: MEC, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- GERALDI, J. W. **Linguagem e ensino** Linguagem e ensino. Campinas: Mercado de Letras, 2014.
- GUIMARÃES, Gerardo. **Repensando o folclore**. São Paulo: Manole, 2012.
- PEREIRA, Sheila de. Carvalho. A importância dos campos léxicos no ensino de língua portuguesa. **Uberaba UFTM** v. 1 p. 186-208 2008 – jan. / jun. Disponível em <http://revistaintertexto.letras.uftm.edu.br/> Acesso em 10.02.2018.
- POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. . Campinas: Mercado de letras, 2016.
- PRETI, Dino. **Sociolinguística – os níveis de fala**. São Paulo: EDUSP, 2013
- SOARES. Magda B. **Linguagem e escola: Uma perspectiva social**. 16ª e. São Paulo: Editora Ática, 2016.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus**. São Paulo: Cortez, 2012.

Submetido em 19 de agosto de 2018. Aprovado em 12 de novembro de 2018.